



Projeto Valorização da Vida: relato de experiência da aplicação do projeto em evento relacionado ao Setembro Amarelo

Leticia Daniliszyn¹
Maurício Wisniewski²

Resumo: *o presente trabalho pauta-se em um relato de experiência acerca da aplicação de um projeto intitulado “Valorização da Vida: por que vale a pena viver?”. Para isso, primeiramente contextualiza-se o cerne desse projeto, através da história do movimento e também, oriundo de ações do Setembro Amarelo; após isso, descreve-se a metodologia aplicada neste resumo expandido, como ocorreu a formulação do projeto, a intervenção, e as percepções, tanto da pesquisadora como do orientador, acerca das experiências vivenciadas decorrentes da aplicação do projeto em 2019.*

Palavras-chave: Valorização da vida. Setembro Amarelo. Vida. Projeto Integrador.

Introdução

O mês de setembro é marcado pela prevenção ao suicídio, cujo dia mundial é comemorado no dia 10. Esse movimento, a nível mundial, teve início em setembro de 1994 nos Estados Unidos, quando Mike Emme, um jovem de 17 anos, tirou a própria vida. No dia do velório de Mike, foram confeccionados cartões com fitas amarelas que continham frases de apoio para pessoas que estavam passando por momentos difíceis e precisavam de ajuda. Esses cartões de fato chegaram às mãos de quem precisava (ROCHA, 2019). A cor amarela foi utilizada em menção ao carro que Mike restaurou e pintou nesta cor. Desde então, o mês de prevenção ao suicídio é conhecido por Setembro Amarelo, tendo em vista a data de falecimento de Mike e a cor de seu carro.

No Brasil, o movimento de prevenção ao suicídio e as campanhas de Setembro Amarelo ganharam mais força em 2014, através de uma parceria entre a Associação Brasileira de Psiquiatria e o Conselho Federal de Medicina. Com isso, anualmente são realizadas campanhas de prevenção ao suicídio em todo país, escutando e acolhendo as pessoas que estão em sofrimento psíquico e que pensam em suicídio, mas também conscientizando a população em geral acerca do tema.

Tendo em vista os incentivos para realização de campanhas de prevenção do suicídio e trabalhos correlatos dentro do curso de Psicologia e do Grupo de Pesquisa, Extensão e Estudos em Tanatologia e Psicologia, viu-se a necessidade vislumbrar a outra face do suicídio, a vida, de buscar motivos para viver.

Diante disso e do desejo de uma acadêmica do 1º ano de Psicologia fazer a diferença na comunidade, criou-se em 2019 o projeto “Valorização da Vida: por que vale a pena viver?”, cujo principal objetivo era/é coletar as respostas das pessoas

¹ Graduanda. Acadêmica do 6º período de Psicologia da Faculdade Sant’Ana. Monitora do Projeto Integrador em Tanatologia e Psicologia da Faculdade Sant’Ana. leticia.daniliszyn@gmail.com

² Professor orientador. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Psicólogo e Licenciado em Psicologia pela UFPR. Professor e Coordenador do curso de Psicologia da Faculdade Sant’Ana. Coordenador do Projeto Integrador em Tanatologia e Psicologia da Faculdade Sant’Ana. mauriciowis@gmail.com

acerca dos motivos que elas encontram para viver. Para que isso ocorresse, levou-se um pôster em vinil devidamente identificado com o nome da Instituição, do projeto e também contemplando a pergunta; as pessoas respondiam em folhas autocolantes e, após isso, as colavam no pôster.

O presente trabalho tem como foco apresentar as percepções iniciais da pesquisadora e do orientador sobre o projeto e a aceitação da população presente no primeiro evento em que ocorreu a aplicação.

Objetivos

Relatar as experiências vivenciadas pela pesquisadora e orientador na aplicação do projeto “valorização da vida” na cidade de Ponta Grossa.

Metodologia

O presente trabalho consiste em um relato de experiência acerca da aplicação de um projeto denominado “Valorização da vida: por que vale a pena viver?”, o qual visou coletar respostas da comunidade sobre os motivos pelos quais vale a pena viver.

A intervenção que deu origem ao relato pode ser considerada como pesquisa aplicada, tendo em vista sua natureza, pois esse tipo de pesquisa, segundo Gonsalves (2003), possibilita tanto a compreensão como a interpretação de um fenômeno. Neste caso, os motivos que as pessoas encontram para viver. Já em relação ao objetivo, pode-se considerar como uma pesquisa descritiva, conforme Gil (2002) essa modalidade atenta-se para a descrição das características de uma população ou fenômeno, o que corrobora com o objetivo elencado pelos pesquisadores.

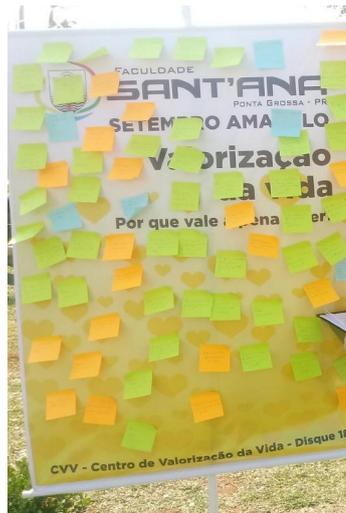
Relato de experiência

Nesta sessão, o resumo expandido passa a ser escrito em primeira pessoa e dando voz a duas pessoas, pesquisadora e orientador, que juntos construíram e realizaram a pesquisa participante desse projeto.

Porém, antes de relatar as percepções sobre os resultados, cabe situar onde, quando e como ocorreu a primeira intervenção com o projeto. Em 14 de setembro de 2019, um sábado no período da tarde, no Complexo Ambiental Governador Manoel Ribas (Parque Ambiental), dentro de um evento promovido pela Prefeitura de Ponta Grossa sobre empregabilidade, a Faculdade Sant’Ana participaria através da elaboração de currículos e testes de orientação profissional. Mas como estávamos no mês de setembro, vislumbrou-se a oportunidade de trabalhar com questões referentes à valorização da vida. Para isso, levou-se um pôster com a identificação da faculdade e escrito “Valorização da vida: por que vale a pena viver?”, cujo intuito era coletar respostas para a pergunta, averiguando quais os motivos as pessoas encontram para viver.

Os participantes da pesquisa foram as pessoas que passavam pelo parque naquele dia e eram abordadas e convidadas a participar. Percebeu-se que o projeto foi bem recebido pelas pessoas que por lá passaram. Dos adultos que prestigiaram o evento no período da tarde, onde o fluxo foi menor que o período anterior, e por aproximadamente duas horas, período de exposição do pôster, 70 pessoas responderam à pergunta, preenchendo o pôster conforme imagem abaixo.

Figura 01: Pôster com as respostas coletadas



Fonte: os autores (2019)

Com a aplicação do projeto, neste primeiro momento, percebi que por mais simples que possa parecer, a pergunta exigia reflexão de algumas pessoas. Tal conclusão se deve às observações sobre o tempo em escrever a resposta, bem como aos comentários com outras pessoas acompanhantes dos respondentes. Muitas nunca haviam pensado nessa questão, em encontrar motivos pelo qual vale a pena viver, apenas viviam; agora passaram a dar um sentido para suas vidas, valorizar esse dom, como muitos responderam. As respostas foram diversas, mas o que prevaleceu foram questões envolvendo a família e qualidades da vida (bela, maravilhosa, boa); o que no início estava difícil de responder, depois virou assunto, as pessoas respondiam no papel a pergunta e justificavam verbalmente o porquê desse motivo, sendo perceptível em alguns momentos a emoção das pessoas ao encontrarem o objetivo para viver, dar um sentido para a sua vida. Esta experiência desenvolveu um olhar empático para o outro e saber escutar, algo que contribui significativamente para a formação profissional e humana. Acredito que esse projeto pode ser um sinal de esperança para as pessoas que um dia pensaram em suicídio ou até mesmo para aquelas que perderam alguém, porque quem está vivo, ganha a cada novo amanhecer uma nova oportunidade para aproveitar esse dom.

Percepção do orientador: A ideia de se perguntar às pessoas sobre os motivos que as levam a continuar vivendo é acima de tudo ousada. Primeiro porque vivemos numa era pós-moderna em que o tempo é o maior bem que podemos possuir. E parar num parque para responder a razão de continuar a viver ocupa e gasta parte deste tão precioso bem. Em segundo lugar, é uma pergunta consideravelmente difícil de responder. Não costumamos quantificar ou traduzir nossas impressões sobre o bem estar de viver, a não ser quando nossas vidas estão ameaçadas. No entanto, é nítido que a pesquisa é sensacional do ponto de vista inédito, e principalmente estimula uma atitude reivindicatória na nossa consciência coletiva: a de que as únicas pessoas que têm condições de valorizar nossas vidas somos nós mesmos.

Quando repenso nos motivos que me levaram a criar esse projeto, vejo que colhi muito mais do que esperava, coisas que nem sequer imaginei. Esse projeto virou meu motivo de orgulho, porque acreditaram nele e ao mesmo tempo em mim, e isso me deu mais motivos para viver, para ser grata as pessoas que confiam e acreditam. Além disso, mostrou o que muitas vezes nós esquecemos: as maravilhas que a vida nos apresenta todos os dias, que devemos viver por nós e por aqueles que já não estão mais aqui, pela nossa família e amigos. Que assim como aprendemos a valorizar a

nossa vida, devemos valorizar a dos outros, sendo empáticos, oferecendo uma ajuda a quem necessita e lutando por uma vida melhor para todos.

Se parearmos essas vivências com a teoria, podemos aliar com a Logoterapia, com a busca de um sentido para a vida. Frankl (1987, p.75) nos relata que “o sentido da vida sempre se modifica, mas jamais deixa de existir”, isso quer dizer que, mesmo nos momentos onde se encontram as maiores dificuldades, há um motivo, um sentido para a vida. Cabe a nós encontrá-lo.

Considerações finais

As respostas coletas em 2019 parecem fazer ainda mais sentido no que tange ao preservar e valorizar a vida, tendo em vista esses quase dois anos de pandemia, onde ter saúde e viver passou a ser algo supervalorado, ainda mais para aqueles que perderam seus familiares e amigos para a covid-19.

Uma possível e futura divulgação dos resultados de uma nova coleta de dados, em meio a pandemia que ainda não acabou, pode ser um sinal de esperança para muitas pessoas que desanimaram, que dizem que a vida não tem mais sentido, uma mensagem de que logo tudo vai passar, vai ficar bem. Vale sim a pena viver, por você, pelos seus e por todos, vale a pena viver para tentar um mundo melhor para nós e para as futuras gerações.

Referências

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: um psicólogo no campo de concentração. 1. Ed. Porto Alegre: Sulina, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 3. ed. Campinas: Alínea, 2003

ROCHA, Bruna da Cruz da. **Sobre viventes**: histórias de superação do suicídio. Orientador: Ricardo José de Lucena Lucas. 2019. 27 f. TCC (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49631/1/2019_tcc_bdcdrocha.pdf. Acesso em: 19 set. 2021.